



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

MANUELLE TOMAZ OLIVEIRA E SILVA

UMA LEITURA INTERDISCIPLINAR DO ROMANCE *BOCA DO INFERNO*, DE ANA MIRANDA: DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA, HISTÓRIA E GEOGRAFIA

GUARABIRA – PB
2014

MANUELLE TOMAZ OLIVEIRA E SILVA

UMA LEITURA INTERDISCIPLINAR DO ROMANCE *BOCA DO INFERNO*, DE ANA MIRANDA: DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA, HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Artigo apresentado, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Letras, à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III

Orientador: Dr. Juarez Nogueira Lins

GUARABIRA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48l Silva, Manuelle Tomaz Oliveira e
Uma leitura interdisciplinar do romance Boca do Inferno, de Ana
Miranda [manuscrito] : diálogos entre literatura, história e geografia /
Manuelle Tomaz Oliveira. - 2014.
23 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Juarez Nogueira Lins, Departamento de Letras e
Educação".

1. Interdisciplinaridade. 2. Literatura. 3. História. 4. Geografia
I. Título.

21. ed. CDD B869.3

MANUELLE TOMAZ OLIVEIRA E SILVA

UMA LEITURA INTERDISCIPLINAR DO ROMANCE *BOCA DO INFERNO*, DE ANA MIRANDA: DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA, HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Artigo apresentado, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Letras, à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III

Aprovada em 21 de Fevereiro de 2014

COMISSÃO EXAMINADORA

Juarez Nogueira Lins

Juarez Nogueira Lins (orientador – presidente)

Cleuma Regina R. da Rocha Lins

Cleuma Regina R. da Rocha Lins

Antonio Flávio Ferreira de Oliveira

Antonio Flávio Ferreira de Oliveira

GUARABIRA – PB
2014

Ao meus familiares pelo apoio ao estudos.

Agradecimentos

À Deus por ter me dado forças, saúde e disposição para alcançar tudo o que conquistei até o presente momento.

Aos meus familiares pelo incentivo aos estudos e pelo apoio dado.

À todos os professores que passaram pela minha vida estudantil, quero agradecer, especialmente ao Prof. Juarez pela oportunidade que me foi dada de ter desenvolvido a pesquisa PROINCI/EUPB “Práticas Interdisciplinares na Sala de Aula”.

Aos meus colegas colegas de sala de aula, pelas alegrias e preocupações compartilhadas.

UMA LEITURA INTERDISCIPLINAR DO ROMANCE *BOCA DO INFERNO*, DE ANA MIRANDA: DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA, HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Manuelle Tomaz Oliveira e Silva (UEPB)
Orientador: Dr. Juarez Nogueira Lins (UEPB)

RESUMO

Consciente da fragmentação do ensino e, da necessidade de contribuir com propostas que inter-relacionem os saberes – objetivamos apresentar e discutir uma proposta de leitura interdisciplinar, envolvendo Literatura, História e Geografia – a partir do romance *Boca do Inferno*. A proposta citada foi desenvolvida em 2011, no PROINCI/UEPB. Tratou-se de uma pesquisa qualitativo-interpretativa e contou com as contribuições de Japiassu (1976), Fazenda (2005), Santos (2007), Lins (2006), Dimas (1994), Tuan (1982), Lemaire (2000) e outros. Concluiu-se que a inter-relação entre disciplinas que possuem objetos comuns pode facilitar o ensino-aprendizagem, pois elas ampliam as possibilidades de leitura desses objetos, a partir de olhares diferenciados. A inter-relação entre as disciplinas literatura, história e geografia é apenas uma dessas possibilidades de leitura mais ampla dos conteúdos, nas escolas básicas.

Palavras-chave: interdisciplinaridade. Literatura. História. Geografia

ABSTRACT

Aware of the education's fragmentation and the need to contribute with proposals that interrelate the knowledge - we aim to present and discuss a proposed interdisciplinary reading, involving literature, history and geography - from the novel "*Boa do Inferno*". The above proposal was developed in 2011 in PROINCI / UEPB . This was a qualitative , interpretive research and featured contributions from Japiassu (1976) , Fazenda (2005) , Santos (2007) , Lins (2006) , Dimas (1994) , Tuan (1982) , Lemaire (2000) and others. It was concluded that the interrelationship between disciplines have common objects can facilitate the teaching - learning because they expand the possibilities of reading these objects from different looks. The interrelationship between disciplines literature , history and geography is just one of the possibilities of wider reading of content in basic schools .

Keywords : interdisciplinarity . Literature. History . Geography.

INTRODUÇÃO

(...) fragmentação rompeu-se o elo da simplicidade e estabeleceu-se a crescente complexificação da realidade, fazendo com que o homem se encontre despreparado para enfrentar os problemas globais que exigem dele não apenas uma formação orientada para a visão globalizadora da realidade e uma atitude contínua de aprender a aprender. (LÜCK, 1994).

Atualmente, a perspectiva de ensino das escolas está centrada no isolamento disciplinar, na contramão do novo paradigma socioeconômico cultural – a globalização – que se sustenta, em princípio, na idéia de conexão, inter-relacionamentos. Desse modo, não haveria mais espaço para o ensino disciplinar, no entanto, ele ainda resiste e, traz consigo a visão fragmentada do mundo para os educadores e educandos. Os documentos oficiais já trazem a prática interdisciplinar como princípio norteador do ensino, a intenção dos PCNs visa estabelecer uma relação de reciprocidade:

A interdisciplinaridade deve ir além da mera justaposição de disciplinas, evitar a diluição delas em generalidades. De fato, será principalmente na possibilidade de relacionar disciplinas em atividades ou projetos de estudos, pesquisa e ação, que a interdisciplinaridade poderá ser uma prática pedagógica e didático-pedagógica adequada aos objetivos de ensino médio. (PCNs, 2000, p.88)

Muitas instituições trabalham de forma interdisciplinar, outras menos, outras desconhecem o caminho das inter-relações e trabalham de forma multidisciplinar.

Esse quadro foi observado por mim, enquanto bolsista do Programa de Iniciação Científica da Universidade Estadual da Paraíba – PROINCI/UEPB, cota 2011/2012. Durante este período pesquisei e propus às escolas aulas interdisciplinares, a partir da Literatura Brasileira. Uma das propostas foi a leitura interdisciplinar do romance *Boca do Inferno* de Ana Miranda, envolvendo Literatura, História e Geografia. Diante da perspectiva apresentada, objetivamos apresentar e discutir a análise interdisciplinar do referido romance realizada naquele ano de 2011.

Esta pesquisa qualitativa, interpretativista, contou-se com subsídios teóricos de Japiassu (1976) Fazenda (2005), Santos (2007), Lins (2006), Dimas (1994), Tuan (1982), Lemaire (2000). E, está dividida em 03 tópicos. O primeiro aponta alguns conceitos e aborda os caminhos da interdisciplinaridade aqui, no Brasil. O segundo discute os pressupostos teóricos que levam ao entrelaçamento disciplinar entre a Literatura, a História e a Geografia, enfocando, os seus objetos comuns. O terceiro traz a leitura interdisciplinar proposta para a obra literária contemporânea *Boca do Inferno*, da romancista Ana Miranda.

1. PERCURSOS INTERDISCIPLINARES – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS

A interdisciplinaridade não possui um conceito definido, unívoco, acabado. Segundo Japiassu (1976) trata-se da intercomunicação entre as disciplinas, no nível de conceitos e métodos. Já Demo (1998, p.88) a define interdisciplinaridade como “a arte do aprofundamento com sentido de abrangência, para dar conta, ao mesmo tempo, da particularidade e da complexidade do real”. Como se percebe, trata-se de uma inter-relação, recíproca, entre duas ou mais disciplinas, com o objetivo de ampliar as possibilidades de compreensão da realidade, um avanço em relação ao ensino tradicional, a partir de uma reflexão crítica sobre a própria estrutura do conhecimento. O grande

objetivo seria o de superar o isolamento entre as disciplinas e repensar o próprio papel dos educadores na formação dos alunos para o contexto atual. Iniciadas as discussões, apresenta-se em seguida, uma ampliação, breve, desses debates sobre interdisciplinaridade: na visão, respectivamente, de Japiassu (1976), Fazenda (2005) Demo (1998), Santos (2006) e de Lins (2006).

Japiassu (1976) com a obra *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber* introduziu a interdisciplinaridade no Brasil. Neste texto o autor apresentou uma pequena síntese das concepções de interdisciplinaridade no ensino na época e, afirmou que o trabalho interdisciplinar exigia uma reflexão profunda e inovadora do conhecimento. Demonstrou ainda a insatisfação com o saber fragmentado e enfatizou a necessidade de integrar o conhecimento. Para ele, a “interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas...”. Japiassu (1976, p. 74). E, partindo de uma reflexão sobre a unicidade do conhecimento e da necessária fragmentação para uma explicitação mais aprofundada de suas partes, salientou a importância de buscar-se de caminho de volta ao Uno, sob pena de, não se voltando, correr-se o perigo de fazer-se uma ciência sem homem, portanto, vazia de sentido. Ainda segundo Japiassu, somente na *troca*, numa atitude conjunta entre educadores e educandos visando um conhecer mais e melhor, que a interdisciplinaridade no ensino pode se efetivar: como meio de conseguir uma melhor formação geral, como meio de atingir uma formação profissional, como incentivo à formação de pesquisadores e pesquisas, como condição para uma educação permanente, como superação da dicotomia ensino/pesquisa e como forma de compreender e modificar o mundo. Para ele, uma interdisciplinaridade no ensino com vistas a novos questionamentos e buscas supõe uma mudança de atitude no compreender e entender o conhecimento, uma *troca* em que todos sairiam ganhando: alunos, professores e instituições.

Outro aspecto relevante, levantado pelo autor em seus estudos foram os *obstáculos e possibilidades* a uma interdisciplinaridade no ensino. Partindo da constatação de que no ensino os conhecimentos são organizados em função das *disciplinas*, e de que estas eram um meio cômodo de dividir os conhecimentos e partes sobre as quais foram organizadas experiências de ensino e pesquisa, ele correria o risco de que certas disciplinas se colocassem numa atitude de consagração frente às demais para assegurar seu lugar na instituição escolar e a manutenção de seu poder. Para a superação deste obstáculo ele sugeriu que a instituição não reforçasse o capitalismo epistemológico de determinadas disciplinas, e não perdesse de vista que ao permitir isso estaria bloqueando a possibilidade de comunicação com o restante do espaço mental, portanto limitando sua própria possibilidade de crescer.

Fazenda (2005) em *Práticas interdisciplinares na escola* dá continuidade aos trabalhos de Japiassú. No entanto, com outras preocupações: Fazenda deu ênfase a organização dos currículos e o caráter problemático da pedagogia interdisciplinar. Para ela, a interdisciplinaridade seria sinônimo de complexidade. Ivani Fazenda com muita propriedade destacou que a interdisciplinaridade não se ensinava nem se aprendia, apenas se pode vivê-la e exercê-la, trata-se de uma questão de atitude. Como sinônimo de complexidade, estaria longe de ser apenas fusão de conteúdos ou métodos, e, ao invés de se prender nos elementos, buscaria sempre as relações entre eles, ou seja, trabalharia sempre com uma estrutura de relações. Desse modo, não se realizaria sob ordens/decretos, nem tampouco tem etapas definidas que pudessem ser aplicadas indiscriminadamente. Como sinônimo de complexidade seria um processo que se desenvolveria de acordo com as necessidades específicas de cada contexto. Para ela o uso do termo interdisciplinar deveria ser feito de forma mais prudente, pois o que geralmente acontece é confundir práticas interdisciplinares com práticas multidisciplinares que não se desenvolvem sob um nível de interação voltado para a transformação efetiva do homem e da realidade. Tais práticas multidisciplinares não buscariam superar as fronteiras epistemológicas, socioculturais, políticas, econômicas. Para Fazenda a prática interdisciplinar seria uma fase preparatória, quase que necessária para se pensar seriamente sobre uma atitude interdisciplinar, pois nelas começa o exercício do diálogo e concessões entre os envolvidos.

Já Demo (1998) discutiu os pólos extremistas dados ao conhecimento científico. Segundo ele a ciência havia evoluído a tal ponto que superaria os extremos: generalidade x especialização. Para Demo esta dicotomia era prejudicial, e mutilavam a realidade. O ideal seria a superação dos extremos e uma discussão sobre o papel da especialização nas ciências/disciplinas e, a partir daí, buscar o conhecimento uno.

Santos (2006), em *Interdisciplinaridade na Sala de Aula* fez uma abordagem filosófica da interdisciplinaridade. Começou desmistificando o que era educação, colocando-a na perspectiva da utopia, ou seja, tudo o que parece impossível, inalcançável. No entanto, sua obra expressa uma visão mais próxima da utopia como algo que se destina a realizar. E daí ele chegou a uma utopia inovadora que se transformou em força de vontade e que extrapolou os muros da escola, e se libertou, já numa visão freiriana. Segundo Freire (1978, p. 23) “é possível afirmar que tudo o que ocorre na escola é educação, mas nem tudo o que é educação ocorre, necessariamente, na escola. [...] a pedagogia pode ser entendida como uma filosofia em ação”. Do filosófico o autor retorna à perspectiva libertadora de Paulo Freire.

Lins (2007) apresentou em duas obras *Práticas Interdisciplinares em Literatura e Literatura, História e Geografia em Os Sertões*, as relações entre a Literatura – objeto de estudo nas

duas obras – e as disciplinas História e Geografia. Nestes textos o autor foi além dos pressupostos teóricos que possibilitaram as inter-relações: literatura/história, literatura/geografia, literatura/cidadania. Ele se utilizou de textos literários para construir a prática interdisciplinar, compreendendo sempre a literatura enquanto instrumento de desmistificação da realidade, que permite ao leitor outra visão de mundo.

Para as análises, trouxe textos da literatura brasileira entre eles, *Os Sertões*, *Morte e Vida Severina*, *O Cortiço*, *Evocação do Recife* entre outros. A partir destes textos literários foram analisados os aspectos históricos e geográficos contidos nas obras de ficção. Vejamos alguns exemplos de análise geográfica de poemas de Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto e Carlos Pena Filho :

Recife
 Não a Veneza americana
 Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais (...)
 Recife sem mais nada
 Recife da minha infância (...) (LINS, 2007 p. 29-30)

O poeta, já adulto, reconstrói um espaço que restava apenas na sua memória, resultado do seu elo afetivo com a cidade em que nasceu: o Recife. Um olhar de um adulto sobre um espaço da infância: nem a Veneza, nem a Cidade Maurícia, mas o Recife do início do século XX, uma cidade pacata, bela, ideal para a realização das brincadeiras infantis, ainda sem a correria dos grandes centros e os perigos das grandes metrópoles.

Também o poeta recifense João Cabral de Melo Neto descreve o Recife, melhor dizendo, uma parte essencial do Recife: o rio Capibaribe:

A cidade é passada pelo rio
 Como uma rua (...)
 Aquele rio
 Era como um cão sem plumas
 Aquele rio jamais se abre aos peixes (...)
 A cidade é fecundada
 Por aquela espada (...)

O rio é também espaço de suas memórias, de seu elo com a cidade do Recife. Seu olhar sobre a cidade, a partir do rio, é duro, triste e até mesmo cruel. O rio é um espaço que se confunde com a cidade, um espaço degradado, impróprio para o ser humano. Esse espaço que se assemelha a um “cão sem plumas” (sem pelos, já morrendo) emoldura o Recife e alimenta, mesmo em sua podridão, alguns desafortunados.

Também Carlos Pena Filho quando escreveu o “Guia Prático da Cidade do Recife”. O poeta deixou de lado um pouco do lirismo e passou a utilizar uma linguagem mais direta para descrever o

espaço do Recife – uma cidade de belezas e de males sociais. Uma cidade que assumia sua base existencial: beleza e feiúra, glória e decadência. (...)

No ponto em que o mar se extingue
 E as areias se levantam
 Cavaram seus alicerces
 Na surda sombra da terra
 E levantaram seus muros
 Do frio sono das pedras.
 Depois armaram seus flancos:
 Trinta bandeiras azuis
 Plantadas no litoral.
 Hoje, serena, flutua
 Metade roubada ao mar,
 Metade a imaginação.
 Pois é dos sonhos dos homens
 Que uma cidade se inventa...

Nesta estrofe do poeta Carlos Pena Filho, vê-se em tom poético a representação que ele faz do surgimento da cidade, traduzida geograficamente: o sítio sobre o qual se ergue a cidade do Recife constitui-se de uma planície de origem flúvio-marinha resultante do trabalho de acumulação sedimentar numa antiga baía para onde deságuam dois dos mais importantes rios da região, Capibaribe e o Beberibe, além de outros de menor porte como o Tejipió, Jiquiá e Jordão que também trouxeram sua contribuição aluvial. Com a chegada dos holandeses, esse sítio foi aos poucos, sendo reconstruído (aterrado) e originou, posteriormente, a cidade do Recife.

Pelas análises é possível perceber que a literatura, tanto em poesia quanto em prosa, traz inúmeras referências do mundo vivido – históricas, geográficas, sociológicas, psicológicas entre outras tantas. Outros modos de ver os objetos da História, da Geografia, da Sociologia e, desse modo podem ampliar as possibilidades de compreensão desses objetos a partir da interação entre as citadas disciplinas. Os aspectos geográficos ressaltados nos fragmentos dos poemas explicitam o olhar do habitante do espaço, olhar desprovido de regras e métodos, portanto, mais detalhado e próximo daquilo que os alunos (as) vêem ao vislumbrar a paisagem urbana – o espaço, o homem e, o sentimento que este nutre por aquele.

No tópico seguinte discute-se a relação entre as disciplinas de Literatura e Geografia enfocando os elementos comuns entre ambas, bem como as possibilidades de interação disciplinar.

2. LITERATURA, HISTÓRIA E GEOGRAFIA – O TEMPO E O ESPAÇO: OBJETOS COMUNS

No tocante à interação e diálogo, Bakhtin (1992) afirma que a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, pois a natureza é social, logo, toda enunciação é completa e constituída de significação, tema ou sentido. Esses elementos se interagem, formando um todo, e sua compreensão só é possível na interação.

Ainda com relação ao diálogo, o referido autor afirma: “O diálogo no sentido estrito do termo não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal”(BAKHTIN, 1992, p.123). Porém, pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido mais amplo, isto é, não apenas na comunicação verbal de vozes, e sim de toda comunicação verbal. O livro é o ato da fala impressa, trata-se de um elemento de comunicação verbal. Ele é um objeto de comunicações ativas sob a forma de diálogo, é feito para apreendido de maneira ativa, para ser estudado, comentado e criticado. Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica. Aqui nos deteremos ao diálogo entre Literatura, História e Geografia.

Entre as três disciplinas afinidades – em comum o tempo e o espaço – presentes na História, Geografia e também na Literatura (poemas, contos, romances...). O tempo e o espaço são elementos integrantes de qualquer romance como afirma Dimas (1994). No entanto, a Literatura pode ser também, Sociologia, Psicologia, Biologia, Antropologia entre outras disciplinas por abordar além do espaço e do tempo, a coletividade, as dores, os medos as alegrias, tristezas, desejos, sonhos. Assim pode ser uma rica fonte para qualquer área do conhecimento, pois apresenta o mundo de forma diferente daquele que a ciência apresenta, visto que enquanto cientista busca clareza, a especificidade, o escritor busca a plenitude, o amplo, e a perfeição. A Literatura é também instrumento de comunicação e interação social – por isso serve para transmitir os conhecimentos e a cultura de uma determinada sociedade. O poeta ou o romancista recria a realidade, dando origem a uma realidade ficcional. Esta realidade imaginária desvela a real, desnuda-a e de certa forma a reconstrói (BRAIT apud FREITAS, 2003). Portanto, a Literatura pode ser também instrumento de denúncia social, de crítica a realidade, auxiliando no processo de transformação social. Por apresentar os elementos do mundo real, a literatura é a mais interdisciplinar das disciplinas. Ela dialoga com a História, a Geografia, a Sociologia, a Antropologia, a Filosofia, a Psicologia, a Biologia, a Física e outras disciplinas. Aqui interessa o diálogo (a inter-relação) entre a Literatura, a História e a Geografia.

A relação entre Literatura e História não é recente e ocupa um espaço privilegiado nas discussões que caracterizam a nossa contemporaneidade. A crise dos paradigmas de análise da realidade, o fim da crença nas verdades absolutas legitimadoras da ordem social e a

interdisciplinaridade, têm motivado estas discussões. Para Santos (2001), a Literatura e a História se aproximam primeiramente pela textualidade:

O historiador reconstrói os acontecimentos das histórias vividas, informando aos seus leitores o esquema interpretativo no qual se descortina o passado vivido, demonstrando conjuntamente os seus procedimentos narrativos e os recursos metodológicos e teóricos empregados, dando possibilidade de reconhecer que as novas abordagens e objetos de estudos utilizados revelam a diversidade de leituras possíveis, e, portanto diversas formas diferentes de escrita. (SANTOS, 2001, p.55)

Tanto a narração literária quanto à historiográfica prescindem de estratégias de organização da realidade, para a constituição de suas narrativas, respectivamente ficcionais e reais e, isso se dá a partir da descoberta de laços e nexos, de relações e conexões entre dados fornecidos pelo passado, aproximando dessa forma, as narrativas históricas das narrativas literárias. E essa coerência (imaginada ou fictícia) depende dos próprios dados, mas também de uma significação possível, imaginada pelo escritor ou historiador de tal maneira que o leitor possa reconstruí-la (LEMAIRE 2000).

A história descreve a realidade vivida, mas essa realidade pode ser representada de forma indireta pelo romancista, que usa a imaginação, mediante a figura da linguagem, enquanto o historiador registra propostas que afirma corresponder aos detalhes extratextuais, afirma Hayden White (1994), em sua obra *As ficções da representação factual* afirma que todo discurso escrito revela uma forma de conhecimento mimético, ou seja, tanto ficcional quanto o não ficcional representa apenas a realidade conhecida ou imaginada.

Literatura e História se aproximam, inclusive porque são duas formas de linguagem que apresentam recursos narrativos semelhantes. E, a compreensão de que a Literatura é, além de um fenômeno estético, uma manifestação cultural, portanto uma possibilidade de registro do movimento que realiza o homem na sua historicidade, seus anseios e suas visões do mundo, tem permitido ao historiador assumi-la com espaço de pesquisa (LEMAIRE, 2000). Assim, mesmo que os literatos a tenham sempre produzido sem um compromisso com a verdade dos fatos, construindo um mundo singular que se contrapõe ao mundo real, é inegável que, através dos textos artísticos, a imaginação produz imagens, e o leitor, no momento em que, pelo ato de ler, recupere tais imagens, encontra outra forma de ler os acontecimentos constitutivos da realidade que motiva a arte literária.

No entanto, convém ressaltar que Literatura não é História, apesar da aproximação entre ambas. Cada uma tem objetivos, métodos, percepções e propostas diferenciadas de abordar a realidade. O que não impede que em suas construções da realidade não possam se conectar e ampliar as visões do “real”. Desse modo, a Literatura é mais uma fonte para o historiador e lhe dará

acesso ao imaginário, permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam. A ficção é uma fonte especial, porque lhe dá a ver, de forma por vezes cifrada, as imagens sensíveis do mundo vivido.

No que diz respeito à relação entre Literatura e Geografia, as discussões remontam a década de 40, quando os geógrafos humanistas já se preocupavam com o surgimento de uma nova Geografia – menos positivista, mais humana e mais imaginária. Mas só a partir da década de 70 é que esta preocupação se consolidou. Com Tuan, geógrafo chinês, Fremont, Gallais, Lowenthal e outros é que começaram a surgir os primeiros pressupostos dessa inter-relação entre a Geografia e a Literatura. Tuan percebeu que “A Literatura contemplava dois conceitos básicos da Geografia: o espaço e o tempo” (1983, p.53), constatação que autoriza aos geógrafos humanistas o uso de fontes literárias. E ainda afirmou: “Mais do que os levantamentos das ciências sociais, a literatura nos fornecem informações detalhadas e minuciosas de como os seres humanos percebem seus mundos”. Tuan (1983, p.54). Destacava assim, a importância do elemento literário e sua inter-relação com os estudos geográficos.

Os geógrafos podem aprender com os escritores, poetas e compositores, sem a necessidade de aplicar inquéritos, prática frequentemente adotada pelos cientistas sociais, em trabalhos de campo. Esses escritores, poetas e compositores, geógrafos informais trazem as suas percepções, ampliadas, dos espaços descritos. Cabe, então, aos geógrafos analisar esse material, já pronto, a respeito dos lugares, tradições religiosas, motivações migratórias e contrastes espaciais enfim, relações humanas com o espaço vivido. “A Literatura é um meio eficaz de investigação, focalizando os aspectos geográficos, incluindo o grupo, herói, família e categoria social”. (FREMONT, 1980, p.97).

Os literatos, geógrafos amadores, descrevem e constituem geografias de lugares diversos, fornecendo um rico material que pode ser colocado a disposição de geógrafos formais. Desse modo, como se observa, a inter-relação entre a Literatura e a Geografia não é só possível, mas principalmente respaldada pelos geógrafos humanistas que vêem na literatura uma vertente geográfica informal relevante para os estudos das ciências geográficas. Da mesma forma, ao escrever o poema, o conto, a novela, o romance dentre outras formas ficcionais, os literatos trazem à tona conhecimentos geográficos e, desse modo, situa os seus enredos, suas tramas. A geografia toma forma nos elementos ficcionais e, portanto os saberes geográficos são relevantes para ampliar as potencialidades da poesia e da prosa, principalmente, quando estas privilegiam a espacialidade, como é o caso, por exemplo, de *O Cortiço*, de Aluisio de Azevedo e mais modernamente, *Boca do Inferno*, de Ana Miranda. Este último, objeto de aula interdisciplinar na Escola Básica.

Como se percebe, a inter-relação entre a Literatura e a Geografia é um caminho promissor, já destacado pela Geografia Humanística e caminho a ser potencialmente explorado nas aulas de Língua Portuguesa/Literatura pelos professores e, ainda mais, pois já acontece na composição de ficções, pelos literatos/poetas. No tópico seguinte a discussão interdisciplinar chega à escola e objetiva elucidar as seguintes questões: qual (is) a (as) realidade (s) (da) das práticas interdisciplinares nas escolas básicas da região do Brejo Paraibano? Quais as possibilidades da inter-relação entre a Literatura e a Geografia no Ensino Médio a partir do Romance *Boca do Inferno* de Ana Miranda?

BOCA DO INFERNO – LITERATURA, HISTÓRIA E GEOGRAFIA – ALGUMAS PERSPECTIVAS DE LEITURA

3.1. Obra e autora

O romance de Ana Miranda, *Boca do Inferno*, é narrado em 3^o pessoa e dividido em seis partes: A Cidade, O Crime, A Vingança, A Devassa, A Queda e O Destino. Em **A Cidade** a autora descreve a Bahia no século XVII. Há a apresentação do poeta Gregório de Matos. Em **O Crime** ocorre o assassinato do Alcaide Francisco Teles de Menezes, motivado por perseguição política. O governador da Bahia Antonio de Souza Menezes, conhecido com Braço de Prata será avisado e começará uma terrível perseguição contra todos os envolvidos.

Em **A Vingança** Antonio de Brito será torturado e delatará os envolvidos. Padre Antonio Vieira será perseguido, mas por representar a igreja, o governador releva, mas quer seu irmão Bernardo Ravasco preso. Gregório de Matos conhece Maria Berço, dama de companhia de Bernardina, que será presa ao descobrirem que ela possuía a mão e o anel do Alcaide. Em **A Devassa** Rocha Pita é nomeado desembargador para investigar a morte do Alcaide. Palma (também desembargador) nega a vingança planejada pelo governador e por falta de provas exige a soltura dos envolvidos. Em **A Queda** o governador é destituído do cargo. O próximo governador, Antonio Luis da Câmara Coutinho também será satirizado pelo poeta Gregório de Matos. O governador, João de Lancaste prende e expatria o poeta Gregório de Matos para a Angola. Em **O Destino**, último capítulo, exhibe-se o destino de cada personagem do romance.

O personagem principal do romance é Gregório de Matos, poeta barroco, conhecido como boca do inferno pelo tom ácido e crítico de sua vida e sua produção poética. A ação passa-se na cidade de Salvador, no século XVII.

Ana Miranda nasceu em 1951 em Fortaleza, Ceará, seu primeiro romance, *Boca do Inferno*, publicado em 1989. A obra teve grande repercussão no Brasil e em países como Estados

Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Espanha, Suécia e Holanda. Por este livro a autora recebeu o prêmio Jabuti em 1990.

De acordo com Dimas (2008), a autora restaura os cacos de um país popularmente tido como pacífico, substituindo essa mentira *histórica*¹ calcificada, por outra de caráter ficcional, mas com a verdade histórica. Para aproximar ficção e historiografia, ela inclui nesse relato pepitas históricas e construções sintático/léxicas própria da época.

O romance traz como enfoque a arte, a história e a cultura brasileira, que busca de uma forma de conhecer/reconhecer uma identidade brasileira, mais precisamente, a história do Brasil Colônia, que se constrói ou se reconstrói por meio da narrativa. Para Moraes (2003) esta obra apresenta dois focos: o biográfico e o histórico. É através da voz dos personagens que a história vai se montando, constituindo um marco no processo de formação e/ou transformação política, literária, cultural e, principalmente, a constituição da identidade do povo brasileiro, a identidade nacional.

3.2. Boca do Inferno – Entre a Literatura, a História e a Geografia

3.2.1 Marcas da literatura barroca

Do ponto de vista da Literatura enquanto disciplina, estão presentes na obra elementos do barroco brasileiro: movimento pendular se faz em atos e palavras, pois o poeta observa e descreve a cidade, e ao mesmo tempo faz parte dela, ele participa diretamente da mesma. Algumas características do Barroco e da poesia de Gregório de Matos, a exemplo do Cultismo/Conceptismo ou das figuras de linguagem antíteses e paradoxos estão presentes na narrativa. Nas palavras de Gregório/personagem: (...) a cidade parecia a imagem do *Paraíso*. Era, no entanto, onde os demônios aliciavam almas para povoarem o *Inferno* (MIRANDA, 1989, p. 12. Grifos nossos). Esses contrastes, de certa forma resumem os sentimentos dos habitantes daquele espaço, a capital da colônia, um misto de: fartura e miséria, de religiosidade e materialismo, de divino e infernal. A seguir destacam-se alguns aspectos históricos e geográficos na obra *Boca do Inferno*.

3.2.2 Acontecimentos históricos na obra

Para Santos e Oliveira (2001, p.53) “toda narrativa tende a representar, de algum modo, o tempo – ou seja, elege o tempo como um elemento fundamental para situar e identificar aquilo que se narra”. O tempo é elemento indispensável à narração, não há narrativas que se situe fora do

¹ Grifo nosso.

tempo e do espaço, portanto, História/tempo e Literatura/tempo ficcionalizado, se complementam. Lucas (1998, p.88) afirma: “o que sobrevive depois que o fato histórico se acaba é literatura. A própria História é literatura” ambas são narrativas, a primeira, mediada pelo método científico, a segunda, mediada pelo espírito da criatividade do artista. Ambas são linguagem e, a linguagem é o elo entre estas duas disciplinas, pois,

tudo se faz através da linguagem, mercê de um imaginário que revela o real ficcionalizado. Este imaginário também reflete a realidade imaginada sob a dependência do tempo e do espaço, prevalecendo a essência da obra literária que vai acima de qualquer eventualidade (...).

O romance de Ana Miranda, *Boca do Inferno*, mesmo sem perder a sua essência literária, traz ficcionalizado, a realidade histórica do Brasil no século XVII, período de plena efervescência mercantilista. Nesse período a exploração foi palavra de ordem. Tudo o que pudesse ser explorado e convertido em lucro, servia, inclusive o ser humano, que mesmo contrariando conceitos humanitários e divinos, tornava-se mercadoria. Na História do Brasil, essa exploração violenta do homem pelo homem foi retratada/denunciada e na literatura de Ana Miranda, através de Padre Antônio Vieira que denuncia a violência contra os indígenas:

Devido à cobiça, principalmente dos maiores da guerra, se mandavam fazer entradas pelo sertão, quando se traziam índios cativos em cordas. Faziam-lhes tormentas, como atar dez marrões acesos nos dedos da mão de um chefe de aldeia para que lhe desses escravos (...). Tiravam as mulheres casadas das aldeias e punham-nas a servir em casas particulares, sem jamais verem seus entes queridos (...) mulheres e filhos padeciam de fome... (MIRANDA, 1989, p.48)

Mesmo sendo ficção, o teor de historicidade do narrado se aproxima dos fatos históricos descritos nos manuais escolares/acadêmicos. Morais (2003) afirma que esse romance apresenta uma narrativa meta ficcional historiográfica situada num entre-lugar discursivo, já que apresenta um grau de verossimilhança maior que o permitido para uma narrativa histórica e um grau de veracidade maior que o permitido para uma narrativa ficcional em normalmente se privilegia o caráter imaginativo. Já no fragmento abaixo, há o fato histórico, a corrupção/hipocrisia da Igreja, na época, mais prevalece o tom literário. Nele, em uma linguagem peculiar, Ana Miranda representa a linguagem de Gregório de Matos com palavras obscenas e de baixo calão. Com essa linguagem ele denuncia a corrupção sacerdotal e administrativa. Para expor seu ponto de vista, quando perguntado o que iria falar a respeito da colônia, ele responde: “Que dois efes se compõem esta cidade, a meu ver: “um furtrar, outro foder”. (MIRANDA, 1989, p.111).

E também:

Lá vai o frade fodinchão (...). Frade descalço pregando de meia. São uns velhacos. Recebem putas nos conventos, transformam igrejas em alcovas. Na manhã seguinte

acompanham a procissão com hipocrisia açoitando-se diante de todos, ainda com odores da ardente noite anterior (...). E vem com lérias nos sermões a recomendar cilícios (...)
(MIRANDA, 1989, p. 327).

Entra aqui o elemento pejorativo, fantástico e até mesmo exagerado para introduzir a crítica, ao mesmo tempo expor a realidade, pois não podemos esquecer que a Literatura expõe aspectos do real e ao mesmo tempo, aspectos do que poderia ser aquele real, ou seja, o verossímil e o inverossímil. Nos fragmentos seguintes, outro fato tão descrito nos Manuais de História, a escravidão, no entanto, sem a força dramática da narrativa literária. “nas senzalas, os negros viviam entre trabalhos, castigos, folguedos, acidentes, casamentos, doenças, mortes, suicídios, abortos, religiões, sexo. (MIRANDA, 1989, p.294).

No fragmento abaixo, mais fatos do período colonial brasileiro: a exclusão de negros e das mulheres. Os escravos, vitimados por acidentes no trabalho tornavam-se inúteis, de certo modo, eram comparados a objetos, máquinas, que após o desgaste de uma alguma peça, seria substituído, sem levar em consideração sua condição humana.

Esses escravos da moenda tinham de ser sempre trocados por outros, pois, prostrados pelo sono e pelo cansaço, metiam sem perceber a mão entre os eixos, sendo preciso que o feitor lhes cortassem o braço preso antes que fossem inteiramente estraçalhados pela máquina
(MIRANDA, 1989, p.299).

Além dos indígenas e escravos, as mulheres também eram excluídas da sociedade e, igualmente estavam na periferia histórica oficial. Eram úteis na medida em que podiam satisfazer às necessidades masculinas: “viúvas, putas, negras forras, escravas, mulatas, brancas pobres, freiras, mulheres gentis, belicosas, portuguesas, damas pintadas” (MIRANDA, 1989, p.300). A literatura traz nas suas descrições, elementos ficcionais historicizados, que ampliam a visão do leitor da história colonial brasileira.

3.2.3 Os espaços (geográficos) na obra

Santos (1996) conceitua espaço como um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento, o espaço é o conjunto de objetos geográficos, naturais e sociais. A relação entre pessoas e o espaço que as cercam está presente nas interpretações de Bachelard (2008) em *A poética dos espaços*, sua ideia de espaço é extremamente poética, para o autor é através do espaço que se pode chegar aos fenômenos da imaginação, nesta obra o autor considera os sonhos e representações do ser humano como um novo olhar sobre o espaço geográfico, que não se limita apenas àquilo que vemos, pois está no campo do mensurável, trata-se de aspectos da imaginação, lembranças e valores.

A obra *Boca do Inferno* é potencialmente interdisciplinar, nela há o nivelamento entre fatos geográficos (descrição de ambientes), com fatos históricos e literários – como vimos – e também sociológicos, antropológicos, psicológicos, linguísticos... No entanto, nos interessa, nesse momento, os aspectos geográficos, a descrição dos ambientes da cidade de Salvador. Dimas (1994, p.7) compara o ato ficcional de descrever o ambiente ao ato de fotografar:

(...) junta-se o empenho documental apoiado no virtuosíssimo técnico da câmera fotográfica, agora empregada de forma realista. Isto é, uma câmera que fixa o instante de uma rua, um beco, uma praça, uma ponte, uma porta (...). É a fotografia comprovando um dado ficcional e a ele submissa, como que dando respaldo de veracidade ao texto que, por sua vez, preocupava-se com o verossímil.

Ana Miranda em alguns momentos do enredo presenteia os leitores com essas “fotografias” da Bahia do século XVII. E ela destaca o espaço com a percepção, não apenas de uma ficcionista, mas de uma geógrafa formal. E constitui uma imagem em que a geografia emoldura a descrição literária, dando verossimilhança e profundidade à cena descrita. Ao se observar as descrições da autora se pode imaginar o local, geograficamente construído por coordenadas geográficas, e a cena idílica da Baía de Todos os Santos.

A cidade fora edificada na extremidade interna meridional da península a treze graus de latitude sul e quarenta e dois de longitude oeste, no litoral do Brasil. Ficavam diante de uma enseada larga e limpa que lhe deu o nome: Bahia. (MIRANDA, 1989, p. 11).

Em seguida, a autora expõe mais detalhes geográficos que faz jus à afirmativa de Pocock (1988, p. 93) “A Literatura pode ser uma fonte para os geógrafos, já que este material evoca a alma dos lugares. Sem duvida, os escritores captam e descrevem o desempenho dos seres humanos”.

Três fortes, dois em terra e um no mar, defendiam a praia estreita da Bahia. A faixa longa da costa, onde enfileiravam-se armazéns, lojas e oficinas, ligava-se à parte alta por três ruas íngremes. O barulhento molinete dos jesuítas içava a carga pesada entre uma e outra parte da cidade. (MIRANDA, 1989, p. 63).

O fragmento traz, além da descrição física da costa baiana, a ocupação/urbanização da cidade de Salvador que, a exemplo de outras grandes cidades brasileiras, foi ocupada a partir do litoral. E, as marcas do modo de produção capitalista/mercantilista nessa paisagem de armazéns, lojas e oficinas. No ar, o barulho de uma área bastante movimentada, e de sobreaviso, diante de possíveis invasões (as fortificações denunciam) – o sentimento de insegurança que não se sobressai em uma descrição geográfica, vem à tona na percepção literária.

Não podemos deixar de enfatizar também o ambiente natural, sem a presença de agentes poluentes: as terras produtivas e a vasta flora, encontradas na Bahia do sec. XVII: “Numa região cortada por rios límpidos, de céu sempre azul, terras férteis, florestas de árvores frondosas, a cidade parecia ser a imagem do Paraíso.” (MIRANDA, 1989, p.12).

Assim, o geográfico e o literário se inter-relacionam para ampliar as possibilidades de leituras do espaço, uma aprendizagem muito mais estruturada, ampliada e rica como afirma Fazenda (1985) sobre o ensino baseado na interdisciplinaridade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Interdisciplinarizar é preciso, parafraseando o “navegar é preciso” de Fernando Pessoa, para que o conhecimento, complexo e multifacetado seja compreendido não apenas a partir de olhares singulares, mas a partir de olhares plurais. Desse modo, a interconexão entre diferentes disciplinas seria um caminho para a elucidação dos fatos, dos acontecimentos, enfim, dos saberes na atual contemporaneidade. Um caminho para a escola, que prepara novos cidadãos para um mundo em rápida transformação.

A análise da obra literária *Boca do Inferno* tornou evidente o fato de que a inter-relação entre disciplinas que possuem objetos comuns pode facilitar o ensino-aprendizagem, pois elas ampliam as possibilidades de leitura desses objetos, a partir de olhares diferenciados. E, que a interconexão entre as disciplinas literatura, história e geografia é apenas uma dessas possibilidades de leitura mais ampla dos conteúdos, nas escolas básicas, na universidade e em outras instituições de ensino e pesquisa.

De modo geral, pode-se considerar que a proposta trouxe à tona a reflexão de que no mundo nada está isolado, em tudo existem conexões e diálogos e que a proposta interdisciplinar é indispensável para o melhor entendimento do conhecimento cientificamente organizado nas escolas de Ensino Básico. Faz-se necessário, enquanto professores e pesquisadores, levarmos a proposta da interdisciplinaridade adiante, pois a prática interdisciplinar não pode ficar apenas na teoria.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

- DEMO, Pedro. *Conhecimento Moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento*. Petrópolis, Vozes: 1998.
- DIMAS, Antônio. *Espaço e Romance*, São Paulo: editora Ática. 2ed, 1994.
- _____. *Boca do Inferno*. Disponível em <[HTTP://www.anamirandaliteratura.hpgvip.com.br/boca_do_inferno.htm](http://www.anamirandaliteratura.hpgvip.com.br/boca_do_inferno.htm)> acesso 15 de julho de 2008.
- FAZENDA, I. C. A. *A Questão da Interdisciplinaridade no Ensino*. III ENEPE – Encontro Nacional de Prática de Ensino. São Paulo: PUC, 1985.
- _____. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. 4. ed. Campinas: Papyrus, 2005.
- FREIRE, P. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FREITAS, Alice C. de. *Língua e Literatura: Ensino e Pesquisa*. São Paulo: Contexto, 2003.
- FRÉMONT, Armand. *A região, espaço vivido*. Coimbra: Almeida, 1980.
- JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- LEMAIRE, R. *Pelas Margens, outros caminhos da história e da literatura*. Campinas, Porto Alegre: Ed. Unicamp, Ed, UFRGS, 2000.
- LINS, J. N. *Práticas Interdisciplinares em Literatura: sobre literatura, ensino e outras linguagens*. Olinda: Livrorapido, 2007.
- _____. *Literatura, História e Geografia em “Os Sertões”*. Natal: Philia Editora, 2007.
- LUCAS, F. Vanguarda, História e Ideologia da Literatura – São Paulo, Ed. Ícone, 1998.
- LUCK, Heloisa. *Pedagogia Interdisciplinar: Fundamentos teóricos – metodológicos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- MIRANDA, ANA. *Boca do Inferno*. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.
- MORAIS, Eunice de. *Boca do Inferno: Narrativa com duplo centro e narrador bifocal*. Revista Letras, Curitiba, n°60, p.95-110. UFPR, 2003.
- MORIN, Edgar. *Educação e Complexidade: Os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez, 2002.
- POCOCK, D.C.D. *Geography and literature. Progress in human geography*, v.12. n.1, 1988.
- SANTOS, Luis Alberto Brandão, OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. *Sujeito, tempo e espaços ficcionais: introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SANTOS, Vivaldo Paulo dos. *Interdisciplinaridade em Sala de Aula*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- SANTOS, Zeloí Aparecida Martins dos. *História e Literatura: uma relação possível*. 2001. Disponível em: <http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/file/revistacientifica2/zeloidossantos.pdf>. Acesso em 19 de outubro de 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *O conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade: o saber como intencionalização da prática*. In: Fazenda, Ivani C. Arantes (org.) **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas – SP: Papirus, 1998. p. 31-44.

TUAN, Yi – Fu. *Espaço e lugar*. São Paulo: Difel, 1983.

_____. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1982.

VASCONCELOS, J.G & MAGALHÃES JUNIOR. (org) *Linguagens da História*. Fortaleza, Imprece, 2003.

WHITE, Hayden. *As ficções da representação factual. Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994. p. 137-151.